



O FUTEBOL COMO FERRAMENTA DIPLOMÁTICA: A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FOOTBALL AS A DIPLOMATIC TOOL: THE IMPORTANCE OF SPORT FOR INTERNATIONAL RELATIONS

Eduardo Leite Muniz
dudulmuniz@gmail.com

RESUMO

O presente artigo empreende a análise do emprego do esporte, em particular do futebol, como uma preciosa e hábil ferramenta nas relações internacionais. Nesse ínterim, reconhece-se que o esporte se erige como um domínio de notável relevância para o exame das interações internacionais, englobando temáticas de envergadura como a identidade, o nacionalismo e a disseminação cultural. Com efeito, o esporte possui a capacidade de sedimentar as raízes identitárias das nações, obter prestígio internacional e fortalecer a estabilidade interna. Através do apontamento dos elementos teóricos do soft power, do destaque do esporte como ferramenta diplomática e da exemplificação de alguns eventos históricos, este artigo também explora a possibilidade de que o esporte não contém em si uma solução derradeira para os percalços internacionais, sendo, antes, uma ferramenta suscetível de instrumentalização em prol de interesses políticos.

Palavras-chave: Esporte; diplomacia; ferramenta; prestígio; futebol.

ABSTRACT

This article undertakes the analysis of the use of sport, in particular soccer, as a precious and skillful tool in international relations. In the meantime, it is recognized that sport stands as a domain of notable relevance for the examination of international interactions, encompassing important themes such as identity, nationalism and cultural dissemination. Indeed, sport can consolidate the identity roots of nations, obtain international prestige and strengthen internal stability. By pointing out the theoretical elements of soft power, highlighting sport as a diplomatic tool and exemplifying some historical events, this article also explores the possibility that sport does not contain a ultimate solution to international mishaps, being, rather, a susceptible tool instrumentalization in favor of political interests.

Keywords: Sports; diplomacy; tool; prestige; football.

1 INTRODUÇÃO

O estudo das Relações Internacionais emergiu como um meio de analisar as raízes da guerra e compreender os meios necessários para evitá-las. Nesse contexto, diversas teorias foram desenvolvidas, abarcando uma ampla gama de atores e estruturas globais que poderiam ser tanto a causa quanto a solução dos conflitos existentes. Por exemplo, os teóricos Neorrealistas sustentam que o sistema internacional é caracterizado pela anarquia, e o equilíbrio



de poder desempenha um papel fundamental; nessa perspectiva, os Estados estão constantemente preparados para a guerra, enquanto a cooperação é quase inexistente. Por outro lado, os liberais, como Woodrow Wilson, ao apresentarem seus 14 pontos em 1919, buscaram transformar as relações internacionais em uma forma mais integrada e cooperativa, apontando para o fim dos conflitos e da desconfiança mútua (LACERDA, 2006).

À medida que as teorias foram sendo formadas e forneciam algumas respostas, o cenário internacional passou por significativas transformações ao longo do século XX, especialmente no período compreendido entre o término da Segunda Guerra Mundial e o atentado às torres gêmeas em 2001. Essas transformações emergiram como resultado do mundo bipolar da Guerra Fria e do temor da bomba atômica, os quais contribuíram para guerras por procuração e a ameaça de destruição mútua assegurada. Os Estados soberanos deixaram de ser os únicos atores relevantes nas Relações Internacionais, dividindo espaço com Organizações Internacionais e outros organismos de importância, exigindo, assim, a busca por novas formas de conduzir a política externa e a diplomacia. Simultaneamente, o mundo experimentava a crescente globalização, acompanhada pela proliferação dos meios de comunicação de massa e diversas formas de manipulação da opinião pública, a velocidade com que a informação se propagava impossibilitou que os Estados continuassem a empregar as mesmas estratégias de dominação do passado. Nesse novo contexto, movimentos rebeldes e nacionalistas adquiriram uma nova dimensão. É dentro desse complexo cenário que os principais atores da esfera global, os Estados, devem buscar novas formas de atuação e adaptação.

Desse modo, configura-se um terreno fértil para que os Estados empreguem o esporte como instrumento diplomático, valendo-se do *soft power* naquele de maior audiência e prática em todo o mundo, o futebol, a fim de alcançar seus interesses sem perturbar a ordem da paz e sem despendar grandes somas financeiras. O futebol, sendo uma modalidade de jogo simples e com ligas profissionais presentes em quase todos os países, é assistido anualmente por bilhões de pessoas, além de proporcionar grandes competições entre seleções nacionais que servem como um palco grandioso para disseminar a identidade e a ideologia das nações. Dessa maneira, podemos vislumbrar a relevância social do esporte para a mídia de massa, que movimenta bilhões de dólares anualmente, conferindo também uma relevância científica ao estudo econômico e político das relações internacionais. O futebol ressalta uma questão individual de pertencimento extremamente marcante, muitos encontram no futebol aquilo que não conseguem encontrar em outros aspectos da sociedade em geral, e quando essa dimensão é ampliada, surgem movimentos extremistas ou nacionalistas de grande influência, como é o caso dos Ultras na Espanha e na Itália (SPAAIJ, VIÑAS, 2006).



Tendo em consideração os esportes como relevantes fomentadores da diplomacia no âmbito internacional, o presente artigo almeja expor o *modus operandi* dos Estados soberanos ao empregar tais instrumentos em suas relações diplomáticas internacionais. Utilizando o método de pesquisa bibliográfica qualitativa, busca-se elucubrar sobre os objetivos específicos em três seções distintas, bem como apresentar um exemplo histórico que corrobora com a hipótese central.

Posto isso, o escopo da primeira seção visa identificar os esportes em sua generalidade como dispositivos de poder estatal. Nesta etapa, será ressaltada a relevância do esporte nas Relações Interestatais, suplantando as políticas convencionais, e será sublinhada a imperativa necessidade de os Estados atentarem para esse domínio da diplomacia, evidenciando que o esporte não pode mais ser dissociado da esfera política. Para isso, as obras “*Football as a factor (and a reflection) of international politics*” de Pascal Boniface; “*Sport, Prestige and International Relations*” de Lincoln Allison e Terry Monnington e “*Sport and International Relations: An Emerging Relationship*” de Roger Levermore e Adrian Budd serão as mais exploradas para entender o esporte como arma eficaz atualmente, mais especificamente como alternativa para as estratégias conservadoras e convencionais.

Na segunda seção, adentra-se com maior ênfase aos aspectos teóricos do *soft power* em sua totalidade, almejando tecer breves considerações acerca desta teoria com o propósito de pavimentar o caminho para a terceira seção. Isso será extraído da obra de Joseph Nye “*Soft Power: The means to Success in World Politics*”, escrita em 2004. Também na segunda seção, o esporte como política pública no âmbito interno será um ponto chave.

Por derradeiro, a terceira seção irá expor um episódio em qual o Futebol, de forma específica, foi empregado por um Estado como instrumento diplomático, aplicando a teoria explorada na seção antecedente. A situação explorada será o embate entre Alemanha e Inglaterra disputado 1935, para tanto, serão analisados artigos especializados que abrangem o amistoso internacional em questão.

2 OS ESPORTES COMO MECANISMOS DE PODER

Desde o princípio do entendimento das relações internacionais como ciência no início do século XX, várias teorias foram desenvolvidas e postas a prova para tentar entender o sistema político internacional e interpretar as Relações Internacionais (RI). Para a teoria Neorrealista, por exemplo, o sistema internacional é anárquico, ou seja, carece de uma força motriz que



impõe a ordem, e é composto pelas resultantes das relações entre suas unidades políticas (WALTZ, 1979).

Os Estados seriam os principais atores deste sistema, e suas ações, juntamente do próprio sistema, compõem a estrutura anárquica. É na teoria Neorrealista e nas suas derivadas que são aplicados conceitos como o dilema de segurança, a balança de poder, a autoajuda, entre outras. Aqui, o objetivo primordial de um Estado é a sua sobrevivência através da projeção e manutenção de seu poder. Agora, em uma era em que as grandes potências evitam conflitos armados, praticar essas políticas e se manter na estrutura internacional demanda dos atores diferentes ferramentas e estratégias.¹

O esporte surge nas relações internacionais como uma ferramenta muito eficaz para a obtenção e manutenção de poder. Quando aplicadas na esfera internacional, as atividades esportivas foram por muito tempo negligenciadas como forma real de política pelas altas classes sociais, principalmente as britânicas², como destacado por Lincoln Allison e Terry Monnington (2002, p. 106): “O “mito da autonomia” que sugeria que o esporte tem e deveria ter pouco efeito sobre outras atividades humanas tem sido amplamente irresoluto”³. Apesar de uma pequena parcela dos acadêmicos ainda rotular os esportes como uma atividade separada da política, competições internacionais não estão mais à margem dos estudos das Relações Internacionais. A academia precisa abordar uma infinidade de temas em suas prerrogativas e o esporte aparece como um excelente apanhado do que há de novo e colaborativo dentro da esfera internacionalista (BUDD, LEVERMORE, 2004).

As discussões de gênero, integração regional, identidade, nacionalismo, disseminação de cultura, miscigenação, luta de classes e combate ao racismo, são pontos que podem ser abordados através do esporte e qualificam uma luta rumo a um mundo mais integrado e desenvolvido. De certa forma, o que diferencia a vantagem de usar o esporte como ferramenta diplomática perante a mídia seria a sua padronização, já que padronizar o senso de identidade de um grupo específico em um esporte ou em um clube pode mobilizar as massas através da emoção e do prazer de torcer, assim reforçando supostos sentimentos nacionais (HILL, 2004). O estádio de futebol historicamente se demonstrou uma zona livre para o protesto, onde as massas oprimidas ou minorias segregadas podem cantar e demonstrar quaisquer que forem as

REER, v. 12, n.3, p. 209-228, 2025.

¹ É importante frisar que a guerra não foi extinta, o caso entre Rússia e Ucrânia é apenas um exemplo disso. O futebol é uma ferramenta muito útil para essa nova onda da política mundial, porém, seria de muita ingenuidade afirmar que a guerra e a política tradicional já não existem ou são impossíveis de serem praticadas.

² Isso fica claro no isolamento da *Football Association* (FA) dentro dos limites da ilha britânica, e na negligência da invasão nazista em plena Londres (ver terceira seção).

³ Tradução livre.



suas críticas, com o Estado tendo imensa dificuldade em reprimir ou silenciá-los. Esse fator é muito importante e ganha destaque nos protestos contra a ditadura franquista na Espanha por parte dos torcedores do Barcelona dentro do *Camp Nou*⁴ (SPAALJ, VIÑAS, 2006).

Em um artigo publicado em 1998 intitulado “*Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics*”⁵ Pascal Boniface caracteriza o esporte, mais precisamente o futebol, como um objeto científico e digno de questões políticas e diplomáticas. Essa caracterização pode ser concebida ao esporte a partir do momento em que organizações internacionais como a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*)⁶, que no próprio nome já demonstra a universalidade através da mistura de línguas, e o IOC (*International Olympic Committee*)⁷ possuem mais Estados membros do que a própria ONU, como se um país não precisasse apenas dos três aspectos convencionais para ser considerado um Estado legítimo: território; povo; soberania; mas também precisasse de uma seleção nacional que o representasse em competições internacionais. A eficácia disso pode ser testada quando o futebol consegue atingir objetivos onde a ONU falhou, como por exemplo juntar China e Taiwan sob uma única organização internacional, ao mesmo tempo que consegue separar, como no caso das seleções nacionais de futebol no Reino Unido. Dessa forma, os argumentos de Boniface direcionam o futebol também como uma ferramenta de instauração da paz e disseminação da cultura, citando o caso do império brasileiro do futebol, onde o sol nunca se põe⁸ (BONIFACE, 1998).

Segundo Allison e Monnington (2002), o esporte é utilizado em âmbito internacional de diversas maneiras, destacando-se duas delas: a consolidação das identidades nacionais e a aplicação de medidas punitivas em relação a comportamentos que são considerados transgressores⁹, sendo que, para esses fins, os meios esportivos frequentemente surgem como estratégias mais eficientes e econômicas em comparação com as abordagens tradicionais de política externa. O poder de um Estado não pode ser dissociado do seu prestígio internacional, e embora essas sejam duas entidades distintas - poder e prestígio - é importante salientar que o prestígio é um fator gerador de poder, estabelecendo-se assim uma conexão intrínseca entre ambos. Nesse contexto, o esporte representa um meio acessível para a aquisição de prestígio internacional, apresentando-se indiretamente como um fator que influencia a geração de poder.

REER, v. 12, n.3, p. 209-228, 2025.

⁴ Sendo um tradicional clube catalão, o Barcelona foi muito perseguido pelo regime de Franco. **Edição Regular** do time, o Camp Nou, foi o principal palco de protestos da comunidade catalã, oprimida durante a ditadura.

⁵ Tradução livre: “Futebol como fator (e reflexo) da política internacional”.

⁶ Federação Internacional de Futebol.

⁷ Comitê Olímpico Internacional.

⁸ Aqui, Boniface faz alusão à constatação de que em praticamente todas as distintas ligas de futebol ao redor do globo, há, no mínimo, um atleta de nacionalidade brasileira exercendo sua profissão. Tal fenômeno se tornou um veículo propício para a disseminação cultural e o exercício de projeção de *soft power* de forma ímpar. **Edição Regular**

⁹ Aplicando isso na forma de boicotes às competições, por exemplo.



No entanto, é essencial ressaltar que o esporte não é necessariamente um gerador de poder em si, mas sim um valioso facilitador para alcançar o prestígio internacional.

Frequentemente, a tentativa de utilizar o esporte como meio de obtenção de prestígio internacional pode provocar a criação de culturas xenófobas e racistas, as quais, infelizmente, se manifestam em diversos grandes eventos esportivos internacionais. Um exemplo notório desse fenômeno ocorreu na partida da *Champions League* da temporada 2020-2021 entre *Paris Saint Germain* e *Istanbul Basaksehir*, em que um incidente de racismo ganhou destaque. Na ocasião, o árbitro Sebastian Constantin Coltescu foi acusado de cometer atos racistas contra Pierre Webó, membro da comissão técnica do clube turco, durante o jogo válido pela fase de grupos da Liga dos Campeões.¹⁰ Quando o esporte é instrumentalizado pelos Estados soberanos, conforme proposto pelas teorias clássicas e suas derivadas, ele tende a se afastar de sua suposta finalidade de promover a integração e combater preconceitos, algo defendido por atletas e pelas instituições internacionais esportivas, a exemplo da FIFA (LEVERMORE, 2004).

Embora os esportes, em sua essência, englobam temas como integração regional e fortalecimento das instituições internacionais, essas pautas inevitavelmente se chocam com o sistema anárquico, a lógica da autoajuda e diversos outros conceitos já estabelecidos. No entanto, é imprescindível reconhecer a magnitude do futebol em âmbito internacional, movimentando bilhões de dólares anualmente e sendo acompanhado por multidões nos quatro cantos do globo, fomentando identidades que se vinculam aos clubes e dando origem a grupos de considerável influência. Nesse contexto, torna-se evidente um ambiente propício para a atuação estatal em prol de interesses nacionais. O esporte, em sua plenitude, é uma ferramenta empregada pelas entidades políticas para promover suas estratégias diplomáticas, sua cultura, sua influência e outros objetivos. No entanto, é crucial destacar que o esporte, embora eficaz, não é determinante para a definição dos parâmetros internacionais nem para a formulação da política externa. Modalidades esportivas como futebol e Fórmula 1 são utilizadas como geradoras de poder indireto, desempenhando, portanto, um papel auxiliar para os Estados (ALLISON, MONNINGTON, 2002). Seria ingênuo imaginar que a reaproximação de Irã e Estados Unidos em 1998 teria sido causa exclusivamente de uma partida de futebol, ou que a

¹⁰ O *Istanbul Basaksehir* é um time financiado e ligado ao governo turco, enquanto o PSG é financiado pelos Emirados Árabes Unidos, através dos membros da família real do Catar e detentora do monopólio da exploração do petróleo no país árabe.



famosa “Guerra do Futebol” entre El Salvador e Honduras em 1969 teria sido resultado de um mero erro de arbitragem.¹¹

A estabilidade nacional e o prestígio internacional se interligam, são um ciclo, o sucesso no sistema internacional contribui para a consolidação da nação e a ordem interna auxilia na manutenção do *status quo* externo. Sob a perspectiva das teorias realistas, como aquelas desenvolvidas por Kenneth Waltz (1979), que se concentram nos Estados e em suas interações, o esporte pode ser empregado como uma ferramenta para consolidar o Estado-Nação e promover a ideologia nacionalista de identidade e unidade do povo. Ao utilizar o esporte na esfera internacional, em competições de alto nível, o Estado une seu povo em torno de um objetivo comum, e o sucesso nesse empreendimento justifica a coesão das massas e eleva o *status* da nação perante seus vizinhos. No entanto, a falha nesse empreendimento resulta em constrangimento e fracasso, minando a credibilidade da liderança e gerando descontentamento interno (ALLISON, MONNINGTON, 2002).

Ao incorporar o nacionalismo no contexto esportivo, deparamo-nos com a teoria das comunidades imaginadas, que descreve comunidades concebidas por meio de práticas culturais e administrativas dos Estados modernos, com o intuito de estimular a população a reconhecer suas obrigações enquanto membros de um grupo que, supostamente, é especial e homogêneo por sua própria natureza (ANDERSON, 1983). Assim, um torcedor inglês do *Manchester United* pode facilmente se identificar com um sul-coreano que também torce pelo maior campeão da *Premier League*.¹² Essa dinâmica se torna ainda mais relevante quando abordamos as seleções nacionais, em que identidades e comunidades são tudo menos naturais, sendo imaginadas e manipuladas estrategicamente em prol de determinados interesses. Essa realidade é bem ilustrada nas palavras de Roger Levermore (2004, p. 21):

O futebol pode atuar como um teatro substituto para a elaboração do “nacionalismo apaixonado”. Uma partida internacional de futebol envolvendo “nosso” time invade nossa rotina diária, lembrando-nos de quem somos em relação aos nossos compatriotas e contra quem nos posicionamos na esfera internacional. Às vezes, a simples participação em competições da FIFA pode criar condições para exibições exageradas de nacionalismo que têm um significado além dos próprios jogos.¹³

Aqui, é pertinente elencar algumas formas e eventos específicos que evidenciam a utilidade do esporte na sobrevivência dos Estados e sua relevância para as relações

REER, v. 12, n.3, p. 209-228, 2025.

¹¹ Ver CHIRINOS, Ella Adriana. **National Identity and Sports in Latin America:** The Hundred-Hour Football War between El Salvador and Honduras. *Mapping Politics* 9, [S. l.] p. 19-27, 2018.

¹² O *Manchester United* possui 13 títulos da *Premier League*, enquanto o segundo colocado *Manchester City* possui apenas 9.

¹³ Tradução livre.



internacionais, concentrando-se no futebol, que desponta como o esporte de maior importância global, tanto em termos econômicos como sociais, políticos, científicos, entre outros.

Conquistar reconhecimento e influência a nível internacional através de ações externas pode ser um desafio significativo para Estados com menor poder ou que tenham sido recentemente estabelecidos. Nesse sentido, a estrutura atual da ONU, liderada pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, tem sido objeto de críticas por parte de revisionistas devido à suposta marginalização dos países menores. A conquista repentina de prestígio em uma competição internacional pode alterar significativamente o poder de influência dos países, como foi evidenciado nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, quando a Seleção Brasileira, liderada por Pelé, foi utilizada como embaixadora do estilo de vida canarinho. No entanto, é importante ressaltar que os eventos políticos, econômicos e sociais que ocorreram no Brasil da época foram os fatores principais que impulsionaram sua atuação internacional, e o futebol foi apenas utilizado como uma ferramenta pelos militares para tentar potencializar positivamente os resultados alcançados. (GUTERMAN, 2006).

Uma referência adicional é a do Japão, que desperta grande atenção internacional quando seus torcedores realizam a limpeza das arquibancadas dos estádios após os jogos da seleção nacional de futebol. Da mesma forma, as seleções africanas, formadas principalmente por jogadores negros, atraem milhares de torcedores quando avançam para as fases finais da Copa do Mundo da FIFA, criando ambientes muito férteis para o combate ao racismo. Hill (2004, p. 4) resume esse último ponto de maneira mais sociológica ao afirmar que:

Ninguém deseja que o esporte seja um mero paliativo, uma desculpa para não fazer uma reforma séria. Mas apenas os profundamente cínicos não sentem prazer em, por exemplo, ouvir multidões da classe trabalhadora britânica, antes capazes de jogar bananas em jogadores negros, entoar o nome de um ídolo que por acaso também é negro, mas cuja cor de pele finalmente se tornou irrelevante.¹⁴

Para esses países, atrair esse tipo de atenção pode ser vantajoso em múltiplos aspectos: tanto para amplificar conquistas internas significativas, quanto para solicitar auxílio diante de grandes catástrofes, como ocorreu no caso dos terremotos ocorridos na Turquia em 2023, que geraram amplas repercussões, especialmente no contexto do futebol e do campeonato turco. Alcançar prestígio internacional por meio do futebol representa uma forma notável de angariar apoio popular não apenas internamente, mas também entre as nações vizinhas, demonstrando de forma prática o emprego do *soft power* no âmbito esportivo.

¹⁴ Tradução livre.



Além de potencializar a projeção internacional de uma nação, o esporte também se manifesta como uma ferramenta punitiva. Embora a política de sanções econômicas ainda prevaleça nas circunstâncias atuais, não é difícil vislumbrar uma forma de punição pacífica de alcance global sendo aplicada por meio do futebol, por exemplo. Essa perspectiva não apenas é plausível, como já ocorreu em diversas ocasiões, um exemplo emblemático foi a proibição imposta à Iugoslávia de participar da Eurocopa de 1996, competição na qual a Dinamarca conquistou seu primeiro e único título. Tal veto decorreu dos conflitos internos que assolaram os Balcãs durante os anos 1990, não foram os eslavos que se retiraram voluntariamente da disputa por incapacidade, mas sim a UEFA que deliberou a exclusão, possivelmente influenciada pelos países integrantes dessa organização (COTRIM, 2021). Dando um pequeno passo para fora do recorte futebolístico, os boicotes nas Olimpíadas durante a Guerra Fria por parte de Estados Unidos e URSS foram uma clara estratégia de domínio cultural, já que o evento é entendido como a demonstração da perfeição e da capacidade de vencer de seus respectivos cidadãos. Não é coincidência que a explosão de crescimento chinês na economia e na política trouxe consigo um aumento significativo nas medalhas de ouro obtidas pelos asiáticos (CONNELL, 2017).

O caso da China é interessante porque, quando está se reabre para o mundo e aplica determinadas estratégias de política externa, o futebol é uma das pautas de investimento pessoalmente favorecidas por Xi Jinping devido ao seu gosto pelo esporte bretão (CONNELL, 2017). A perspectiva do líder chinês e de seu partido em relação à China era de expansão, estreitamento de laços e construção de pontes, uma empreitada que os cidadãos chineses vêm efetivando desde o início do século atual. John Connel (2017, p. 5) afirma que os objetivos de Xi Jinping para a China usariam o futebol da seguinte forma:

Sua crescente autoridade política e interesse pessoal no futebol, ao lado de seu interesse global crescimento e visibilidade, trouxe mudanças mais rápidas. No início de sua presidência, xi instigou um expurgo de dirigentes corruptos do futebol e declarou em 2011 que tinha três sonhos para o futebol chinês: qualificar-se para sediar e vencer uma Copa do Mundo.

Os planos chineses não saíram exatamente como o esperado, mas é inegável a influência da Super Liga Chinesa de futebol e dos incontáveis grandes clubes, com uma rica história no futebol europeu, que foram comprados por empresas chinesas como investimentos e hoje servem de receptáculos do estilo chinês de administrar, bem no coração do ocidente.

O esporte pode ser aplicado dessa e de diversas outras formas para consolidação do Estado soberano. As mídias de massa vieram em momento muito oportuno para a disseminação



do futebol no mundo, porém o Estado nem sempre tem controle total sobre a mídia, que pode interferir de maneira negativa nos seus interesses. A comunicação midiática tende a passar um viés mais polêmico, como dito por Levermore (2004, p. 18) “Em vez de demonstrar cooperação, a mídia esportiva tende a se concentrar no elemento competitivo, particularmente no aspecto binário e simplista de vencedor/perdedor”. Como órgão privado, os canais midiáticos tendem a visar opções mais lucrativas de transmitir as resultantes esportivas, neste ponto entra uma diferença muito grande para um Estado democrático, que não perpetua censura ou controle de informações, para um Estado totalitário e ditatorial.

A mídia construída ao redor do esporte o faz parecer uma segunda batalha, dessa vez dentro das quatro linhas e fora das trincheiras ou mesas de discussão, como aplicado pela Inglaterra nos torneios da Copa do Mundo de 1998 e 2002 e das Euros de 2000 e 2004 (BECK, 2003). Para que um time ganhe, outro precisa perder, com os times sendo os representantes dos Estados, isso direciona a partida para uma competição pelo prestígio e pela consolidação internacional. Apesar de os entes estatais, ao entrarem no campo, colaborarem entre si em vários aspectos - respeitos as regras, autoridade dos juízes, *fair play*, entre outras - essa abordagem da competitividade corrobora com a prerrogativa de que o Estado Soberano é natural é predominante, e que todos são rivais. O esporte serve como uma ferramenta para consolidação do próprio Estado, apesar de envolver cooperação nas suas regras (LEVERMORE, 2004).

É imperativo ressaltar que as empresas bilionárias do futebol contemporâneo estão intrinsecamente ligadas aos interesses nacionais, mesmo que pertençam ao setor privado. Em grande parte das situações, tais empresas se apresentam como o meio mais acessível e sutil de disseminar a ideologia de um Estado para além de suas fronteiras, servindo, juntamente com os meios de comunicação, como os holofotes do *soft power*. Na próxima seção, será abordada com maior profundidade a relação entre a teoria do *soft power* e a utilização do futebol como uma ferramenta estatal.

3 O *SOFT POWER* E O ESPORTE COMO POLÍTICA PÚBLICA

Considerando o esporte como um gerador de poder indireto através da obtenção de prestígio internacional, como indicam Allison e Monnington (2002), ele pode ser mais bem compreendido como uma forma de exercer o *soft power*. Joseph Nye (2004) define o poder de algumas formas, uma delas é que o poder é a capacidade de influenciar os outros para tentar alcançar seus próprios interesses egoístas, para isso Nye divide o poder em dois: o *hard power* e o *soft power*. O *hard power* é direcionado por um Estado para Coagir os outros, de forma a



atingir seus objetivos através de ameaças e força, uma forma de poder mais tangível e mensurável, já o *soft power* age por meio da cooptação, nas palavras do autor (NYE, 2004, p. 7):

Se eu for persuadido a seguir os seus propósitos sem qualquer ameaça ou troca explícita ocorrendo - em resumo, se meu comportamento for determinado por uma atração observável, mas intangível - o *soft power* está em ação.

O *soft power* não é tão facilmente identificado justamente por não ser algo tangível e passível de medida, como o poder militar ou econômico, por exemplo. Através do *soft power*, um país pode obter os resultados que deseja na política mundial porque outros países, admirando seus valores, imitando seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e abertura, desejam segui-lo.

O *soft power* é exercido de diversas formas, sendo a cultura a principal e aquela que pode ser diretamente relacionada ao esporte, que figura como um dos mais significativos veículos de disseminação cultural em escala global. Nye ressalta que quando a cultura de um Estado é transmitida para outros, ocorre um aumento de sua influência, contudo, para que essa transmissão se concretize é necessário que a cultura seja levada a lugares que demonstram atração por ela (NYE, 2004). Praticamente todas as nações do mundo fazem parte da FIFA, ou estabeleceram um esporte oficial amplamente praticado por suas respectivas populações, nas quais são direcionadas paixões e esforços fervorosos de seus habitantes. Nesse contexto, a transmissão cultural por meio dessas atividades esportivas, assim como em eventos de magnitude como a Copa do Mundo, se torna uma tarefa extremamente facilitada. Jonathan Grix e Donna Lee (2013) afirmam que, ao sediar ou participar ativamente de um grande evento esportivo, o país é capaz de comunicar sua atratividade por meio dos valores culturais compartilhados no esporte em questão, assim, para os autores (GRIX; LEE, 2013, p. 528):

Por causa da centralidade dos valores universalmente admirados em eventos esportivos internacionais, os estados anfitriões podem aumentar sua atratividade para os outros, demonstrando que não apenas compartilham esses valores, mas também que desejam defendê-los e celebrá-los coletivamente dentro do contexto de sua própria distinção valores culturais, sociais e políticos.

Isso faz sentido quando se compreende que grandes eventos são uma janela sem igual para a disseminação da cultura e a influência por parte dela. Assim, o Estado bem-sucedido ao aplicar esta estratégia, obtém legitimidade perante os outros atores do sistema internacional, pois quando os países tornam seu poder legítimo aos olhos de outros, eles encontram menos resistência aos seus desejos (NYE, 2004).



Os Estados igualmente se utilizam do esporte como uma ferramenta de política pública em âmbito interno, buscando projetar a imagem nacional para o contexto internacional por meio dessas estratégias. A instrumentalização do esporte dentro das fronteiras estatais frequentemente carrega consigo uma carga ideológica, sendo uma atividade que desperta os instintos mais primordiais das pessoas e toca a essência humana. São numerosas as Organizações Não Governamentais (ONGs) e Organizações Internacionais Não Governamentais (OINGs) voltadas aos mais diversos tipos de esportes, as quais realizam ações humanitárias ao redor do mundo. De fato, há o aspecto de assistência e apoio aos necessitados, mas também pode ser aplicada uma doutrina de disciplina, regras específicas, educação física, entre outros fatores que desempenham um papel central na prática de qualquer esporte. Isso não deve ser considerado negativo, uma vez que o uso do esporte como política pública é, de fato, uma maneira excelente para um Estado exercer o bem-estar social (*welfare state*) e avaliar até que ponto pode-se alcançar prestígio ao empregar essa ferramenta no contexto internacional, como se estivesse medindo a extensão de seu *soft power* na esfera esportiva. Tal fenômeno é observado em diversos programas financiados pelo Estado, que visam incentivar a prática de um esporte específico ou a troca de atletas entre países, como ocorre frequentemente nos Estados Unidos, por exemplo. O esporte, enquanto política pública, apresenta um viés coercitivo ao mesmo tempo que constrói pontes, estabelece acordos e traz à tona uma série de temas para a agenda de discussões internacionais.

Ao fundamentar internamente determinada prática, o Estado ameaça conquistar prestígio ao vencer uma competição internacional. Na Armênia o Xadrez foi internalizado e é considerado o esporte nacional, o maior orgulho da nação são os seus enxadristas, como Levon Aronian ou Hrant Melkumyan, e as suas conquistas internacionais. Isso traz um ponto interessante de que, para as gerações mais novas de alemães, Lothar Matthaus, Michael Schumacher e Bernhard Langer¹⁵ talvez tenham tido uma influência formativa mais significativa na imagem da Alemanha do que Hegel e Bismarck (ALLISON, MONNINGTON, 2002). Ou até como colocado por Pascal Boniface:

Mas o fenômeno não se aplica apenas aos países emergentes. Jornalistas da renomada revista londrina, *The Economist*, quase engasgaram quando descobriram que o motivo mais frequentemente dado pelos jovens britânicos para serem orgulhosos de serem britânicos era talento do futebol nacional e não a memória de um grande império ou outros motivos mais intimamente associados com o sentimento tradicional de poder (BONIFACE, 1998, p.92)



É claro que essas declarações sempre guardam algumas ressalvas importantes pois, como já mencionado, o esporte é uma ferramenta acompanhada de muitos outros fatores notórios.

É interessante destacar uma dessas ressalvas de que em países menores, onde o poder é mais difuso, o *soft power* não pertence exclusivamente ao Estado, como o é o *hard power*, muitas vezes esse poder brando é dividido com outros atores (NYE, 2002). Caso não seja possível controlar a projeção dessas atividades em âmbito internacional, torna-se extremamente desafiador disseminar a imagem desejada, por esse motivo que se torna crucial estabelecer o esporte como uma política interna, visando posteriormente sua externalização. Dessa forma, justifica-se a aplicação dos esportes como uma política pública, a fim de internalizar uma prática e buscar um maior controle sobre sua disseminação no exterior. Por outro lado, os grandes eventos internacionais e as zonas livres para protestos podem prejudicar a coesão pública se a maioria da população se posicionar contrariamente. Esse cenário ficou evidente na delegação do Comitê Olímpico Russo durante os Jogos Olímpicos de 2020, quando a bandeira do país eslavo não foi levada em razão do escândalo envolvendo a adulteração dos testes antidoping (DUVAL, 2017).

Para entender o esporte como ferramenta de *soft power* é interessante trazer uma situação que ficou muito famosa nos últimos anos, a participação de Dennis Rodman nas negociações entre Estados Unidos e Coreia do Norte durante a administração de Donald Trump. Rodman é um ex-jogador de basquete e membro do *Hall* da Fama da NBA, conquistou a competição cinco vezes na carreira e é considerado por muitos um dos maiores nomes da história do esporte, tendo atuado entre 1986 e 2000. O governo Trump ficou marcado por ter sido o primeiro presidente estadunidense atuando no cargo a visitar a Coreia do Norte, tudo isso pela via diplomática e fortemente influenciada pelo *soft power* do esporte (CHA, 2016).

Kim Jong Un, o líder norte-coreano, passou adolescência na Suíça durante a década de 1990 e de lá acompanhou a NBA durante o auge da carreira de Rodman, quando este defendia o Chicago Bulls. O apreço de Kim pelo atleta fez com que as sessões de diplomacia entre Estados Unidos e Coreia do Norte tivessem o próprio Rodman como mediador, tendo este viajado ao país asiático para participar de mesas de discussão diversas vezes, o êxito da diplomacia do governo Trump ao estabilizar as relações com a Coreia do Norte foi atribuído à utilização do *soft power* por meio do basquete. A admiração de Kim Jong Un por esse esporte possibilitou que ele fosse empregado como uma estratégia de aproximação entre os dois países, mesmo que inicialmente possa parecer insignificante que um atleta aposentado há anos tenha



se mostrado de grande utilidade ao apelar para o lado mais humano do ditador norte-coreano (MCMAHON, 2015).

Neste exemplo, é possível observar a aplicação do conceito de Joseph Nye de acordo com os objetivos desejados, em que a abordagem diplomática convencional da situação foi adotada pelos países e seus líderes, e o *soft power* empregado no esporte foi utilizado como uma ferramenta para suavizar as conquistas de ambos e favorecer as decisões de Trump perante a opinião pública. Nesse caso específico, houve uma ação palpável e evidente dos Estados Unidos ao reconhecerem Rodman como uma peça-chave em sua estratégia e levá-lo à mesa de negociações, no entanto, existe a dimensão intangível e indireta do *soft power*, que fez com que um potencial adversário se identificasse com um elemento da cultura norte-americana. Ao assistir aos jogos da NBA de seu quarto na Suíça, Kim estava imerso no esporte e estabelecendo um vínculo com o país anfitrião, algo que ocorre com ainda mais intensidade no caso da Seleção Brasileira de Futebol Masculino, por exemplo.

A jogada mais clara é na maioria das vezes essa, identificar o que é de subjetivo e indireto e que pode influenciar o adversário, e em seguida investir esforços nesse aspecto. Considerando o seu poder de alcance e de influência de massa, o esporte pode ser utilizado como ferramenta explícita por parte dos atores internacionais, consequentemente a teoria do *soft power* de Joseph Nye, destacada anteriormente, corrobora que é possível exercer uma política externa através de uma medida que não seja exatamente algo coercitivo, como sanções econômicas ou poderio militar.

Na próxima seção será tomado um tom mais descritivo e narrativo de uma situação histórica onde algumas das peças da teoria de Nye são colocadas em evidência: O amistoso internacional entre Inglaterra e Alemanha, disputado em Londres em 1935.

4 INGLATERRA VS ALEMANHA, 1935.

Nesta seção, será apresentada de maneira descritiva uma situação em que o futebol desempenhou um papel relevante nas Relações Internacionais, o amistoso internacional entre as seleções da Inglaterra e da Alemanha Nazista em 1935. Foi um momento em que o esporte foi empregado conforme descrito nas duas seções anteriores e cujos resultados foram consideráveis o bastante para serem objeto de estudo. O objetivo dessa seção é fornecer um breve embasamento histórico que comprove a afirmação de que o esporte é uma ferramenta que pode ser utilizada de forma eficaz pelos Estados.



A partida amistosa foi disputada por Inglaterra e Alemanha em 4 de dezembro de 1935 na cidade de Londres, na frente de um público de aproximadamente 60 mil pessoas, incluindo dez mil espectadores alemães oficialmente enviados pelo governo nazista através da organização *Kraft durch Freude*¹⁶. Apesar de a Inglaterra ter vencido a partida por 3x0, o placar pouco importou, pois os alemães obtiveram uma vitória avassaladora na propaganda de guerra, principalmente no que tange ao questionamento internacional sobre o papel dos britânicos na ascensão do Fascismo na Europa e a sua relação com o futebol. Essa partida teve um impacto importante na aceitação no Nazismo na sociedade inglesa, principalmente porque na época havia uma certa negligência em considerar o futebol como algo além de um mero esporte, misturar política e assuntos internacionais ainda era um estigma para a realidade dos bretões e grande parte do poder subversivo deste embate foi ignorado pelas autoridades, mas não sem consequências políticas (STODDART, 2006).

A partida representou um avanço significativo na agenda britânica de participação no cenário futebolístico internacional, após um hiato de três décadas sem enfrentar nações que eram tidas por eles como inferiores no esporte. Surpreendentemente, o jogo contra a Alemanha não foi motivado por questões políticas ou ideológicas, tendo sido agendado sem uma devida avaliação dos possíveis impactos da visita dos nazistas ao solo inglês. Dada essa circunstância, a responsabilidade pela organização do evento foi transferida do Escritório de Assuntos Internacionais para o Escritório de Assuntos Domésticos do Reino Unido (STODDART, 2006).

Essa decisão, apesar de parecer algo irrelevante, é muito significativa já que os britânicos basicamente informaram que não iriam impedir os nazistas de entrar em seu território brandindo uma arma poderosíssima de *soft power*, como também não iriam usar a partida para armar um contra-ataque ideológico. Nessa época, Hitler já tinha idealizado para a sua Alemanha o esporte como uma demonstração do poderio militar e da perfeição do regime nazista. Como apontado por Stoddart (2006, p. 33):

Em 1935, a Alemanha de Hitler estava no bom caminho para eliminar das organizações esportivas o que considerava grupos marxistas e subversivos. O esporte nazista estava intimamente ligado aos programas juvenis, milicianos e militares, e estava inextricavelmente entrelaçado no tecido político.¹⁷

Os nazistas usavam diversos esportes para projetar seu poder na Europa e para ressaltar seu ideal de raça pura. O incentivo para a aptidão física na juventude hitlerista e o investimento

¹⁶ Força através da alegria, tradução livre.

¹⁷ Tradução livre



nas olimpíadas de 1936 demonstram como o Estado Alemão acreditava no esporte como modalidade chave na aceitação de seus ideais.

Como mencionado anteriormente, a Inglaterra não entendia a importância de seu papel em relação à ascensão do fascismo na Alemanha e na Itália, nem o papel cultural do futebol em sua sociedade. A noção do futebol como importante ferramenta da disseminação do discurso nazista não era ainda tão visível apesar de estar profundamente ligada ao ideal da raça perfeita ariana (BECK, 2000).

A Alemanha já havia colocado em prática algumas restrições a judeus e demais minorias em seu estado, isso confere ainda maior significado à seleção do estádio onde o embate seria realizado. A *Football Association*¹⁸ (FA) escolheu o *White Hart Lane* para sediar a partida, o clube mandante desse estádio era o Tottenham Hotspur, tradicionalmente judeu com mais de 30% de seus funcionários, jogadores e torcedores sendo de origem judaica. Esses aspectos foram fomentando um movimento de boicote para a partida, influenciado principalmente pela mídia. Entretanto, esse movimento não foi mais forte do que a cena política britânica de separar o futebol dos assuntos internacionais e a partida acabou por acontecer. Ao se deparar com a possibilidade de adentrar de forma pacífica e diplomática no âmago dos britânicos, disputando uma partida no esporte que é orgulho nacional logo na capital inglesa, o Partido Nazista patrocinou os já mencionados dez mil torcedores alemães para irem ao estádio com Suásticas e águias nazistas, mesmo quando tinha sido acordado entre as partes que isso seria proibido. A atitude excepcionalmente desportiva e respeitosa exibida pelos dez mil entusiastas e pelos jogadores em campo demonstrou uma hipotética disposição por parte da Alemanha em desmentir as concepções veiculadas sobre o país no âmbito internacional. De alguma maneira, os nazistas pareciam valer-se daquele confronto, bem como do futebol como um todo, para estabelecer uma aproximação construtiva com os ingleses (STODDART, 2006).

De fato, essa estratégia funcionou, a nobreza esportiva presente nesse episódio levou os britânicos a mitigarem sua desconfiança em relação ao esporte sob a égide nazista, abandonando, assim, a ideia de boicotar os iminentes Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Tais olimpíadas se converteram em uma vitrine propagandística da ideologia nazista diante do mundo e o impacto resultante do confronto de 1935 foi notavelmente exitoso. A arrogância inglesa assumiu um papel de grande relevância para a ascensão do fascismo na Europa, e a auto atribuição do título de “berço do futebol” por parte dos ingleses incitou uma negligência

¹⁸ É a mais antiga associação de futebol do mundo, fundada em 1863 na Inglaterra, e principal órgão regulador do futebol na Inglaterra.



imprudente no governo britânico. Hitler soube explorar essa circunstância com maestria, conforme atestado pelo espetáculo das Olimpíadas de 1936.¹⁹ (BECK, 2000).

A Grã-Bretanha encontrava-se submetida a um inquestionável e hábil programa de influência e diplomacia nazista, o qual abarcava tanto as camadas sociais médias e altas quanto as classes trabalhadoras, visto que o futebol se configurava como uma das poucas formas de entretenimento compartilhadas por ambas. Grandes nomes da política britânica da época e ligados ao futebol, como Sir William Edge, membro conservador do Parlamento e presidente do Bolton Wanderers Football Club, caracterizou como tendenciosa a atitude daqueles que impunham conotações políticas ao maior amistoso internacional do mundo para a época. Em resposta a todas essas conjunturas, o líder esportivo do Reich, Hans von Tschammer und Osten, durante o evento em questão, fez alusão a possíveis relações diplomáticas entre as duas nações como altamente auspiciosas. Como assinala Stoddart, (2006, p. 43), “a saudação nazista foi feita, *'Horst Wessell'*²⁰ cantada e a saúde de Hitler brindada”.²¹ A partir desse confronto, cumpre salientar uma sucessão de eventos que se desdobraram em prol da Alemanha Nazista, como a celebração do pacto Hoare-Laval com a França, o qual favorecia a posição da Itália na Abissínia.²² Logo em seguida, no ano de 1936, Hitler dá início à ocupação da Renânia enquanto seu embaixador em Londres, Ribbentrop²³, se empenhava em estabelecer sólidas relações com os ingleses, visando amenizar as ações agressivas do Reich no continente europeu (STODDART, 2006).

Assim como os renomados estrategistas no tabuleiro de xadrez, a Alemanha logrou obter uma vantagem inicial, porém modesta, que em um confronto subsequente poderia revelar-se de importância ímpar. Tal vantagem emerge das divergentes perspectivas políticas e culturais acerca do papel do esporte na sociedade, sendo essa partida de futebol o epicentro desse processo. Tanto se discute sobre a morosidade dos aliados em intervir nas ações do Partido Nazista ao longo da década de 1930, enquanto Hitler engenhosamente recorria a diversas artimanhas diplomáticas para conter seus adversários em solo pátrio antes que a guerra

REER, v. 12, n.3, p. 209-228, 2025.

¹⁹ Vale citar que entre 1928 e 1946 a Inglaterra não era membro da FIFA, por se considerar superior ao esporte mundial do futebol. Durante a década de 30, o Reino Unido não participou de nenhuma Copa do Mundo, além de não levar times de futebol para as olimpíadas. Para eles, o melhor futebol do mundo já era jogado na ilha bretã, não havia necessidade de sair dela (BECK, 2000).

²⁰ Hino da Alemanha nazista, composto em homenagem a *Horst Ludwig Wessell*, um líder local de Berlim transformado em martir por Goebbels e a propaganda nazista.

²¹ Tradução livre.

REER, v. 12, n.3, p. 186-198, 2025.

²² Atual Etiópia.

²³ O mesmo Ribbentrop que articulou o tratado “Ribbentrop-Molotov” de 1939, também conhecido como o pacto de não-agressão assinado entre URSS e a Alemanha Nazista logo antes da invasão da Polônia.



eclodisse, com o futebol despontando como uma delas, porém muitas vezes relegada ao esquecimento nos livros de história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise abrangente dos mecanismos diplomáticos empregados pelos Estados no contexto esportivo, torna-se evidente a influência e relevância do esporte como ferramenta de projeção de poder e construção de relações internacionais. Ao explorar as diferentes estratégias empregadas pelos Estados no uso do esporte como instrumento diplomático, constata-se que ele vai além do entretenimento e da competição esportiva, tornando-se uma poderosa ferramenta de *soft power*. Através da projeção de valores, identidades nacionais e narrativas simbólicas, os Estados conseguem influenciar, cativar e envolver audiências internacionais, estabelecendo conexões emocionais e fortalecendo laços diplomáticos. Nesse sentido, o estudo das relações entre esporte e diplomacia revela a complexidade e a profundidade das interações internacionais, evidenciando o potencial do esporte como um canal eficaz para alcançar objetivos políticos e promover uma maior compreensão entre as nações.

Ao mergulharmos na compreensão da relevância do esporte nas complexas teias das Relações Internacionais e ao explorarmos as táticas pelas quais os Estados podem habilmente aplicar essa dinâmica, o esporte revela-se uma força marcante capaz de influenciar e seduzir. Como identificado ao longo das seções precedentes, torna-se claro que o esporte, por si só, não detém o poder de promover transformações significativas, mas sim, manifesta-se como uma valiosa ferramenta para a obtenção de prestígio, desde que seja inserido em um contexto apropriado.

A desvinculação do esporte da esfera política e sua redução a uma mera atividade recreativa revelou-se extremamente ineficiente, conferindo uma vantagem significativa àqueles que optaram por essa abordagem como meio de aproximação diplomática e disseminação de ideologias. Ademais, a utilização do esporte como instrumento para fomentar movimentos nacionalistas, a fim de legitimar um território ou uma causa, demonstrou um poder de influência marcante, capaz de mobilizar multidões e tocar as paixões mais íntimas de um povo. Dessa forma, pode-se concluir que o esporte possui um apelo internacional inegável, e os Estados dispõem de uma ampla gama de estratégias para sua aplicação, pois ele se revela como um elemento extraordinariamente flexível e acessível, especialmente para aqueles Estados que ainda não alcançaram a consolidação militar ou econômica desejada.



Dentro desta síntese, ao contemplar o panorama dos esportes como instrumentos, e considerando a mutação da esfera política convencional, é importante testemunhar a expansão desse domínio no âmbito da pesquisa. Seria concebível vislumbrar um mundo onde o esporte, por meio das competições internacionais, emergisse como o derradeiro reduto dos confrontos diretos entre entidades estatais? E se o esporte ascendesse na hierarquia política, superando sua condição de instrumento, para se tornar efetivamente um agente de transformação política?

REFERÊNCIAS

ALLISON, Lincoln; MONNINGTON, Terry. **“Sport, Prestige and International Relations”**. Government and Opposition, p. 106-134, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BECK, Peter J. **Going to war, peaceful co-existence or virtual membership? British football and fifa, 1928–46**. The International Journal of the History of Sport, p. 113-134, 2000.

BECK, Peter J. **The relevance of the ‘irrelevant’: football as a missing dimension in the study of British relations with Germany**. International Affairs, p. 389-411, 2003.

BONIFACE, Pascal. **Football as a factor (and a reflection) of international politics**. The International Spectator: Italian Journal of International Affairs, p. 87-98, 1998.

BUDD, Adrian; LEVERMORE, Roger. **Sport And International Relations: An Emerging Relationship**. Nova Iorque: Routledge, p. 173, 2004.

CHA, Victor D. **The North Korea Question**. Asian Survey, p. 243-269, 2016.

CHIRINOS, Ella Adriana. **National Identity and Sports in Latin America: The Hundred-Hour Football War between El Salvador and Honduras**. Mapping Politics 9, p. 19-27, 2018.

CONNELL, John. **Globalization, Soft power, and the rise of football in China: Football in China**. Geographical Research, p. 1-11, 2017.

DUVAL, Antoine. **The Russian doping scandal at the court of arbitration for sport: lessons for the world anti-doping system**. The International Sports Law Journal, p. 177-197, 2017.

FOER, Franklin. **How Soccer Explains the World: An Unlikely Theory of Globalization**. Harper Collins, 2004.

GRIX, Jonathan; LEE, Donna. **Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction**. Global Society, p. 521-536, 2013.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil: o Caso da Copa de 70**. Tese (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.



HILL, Christopher. Prefácio. In: LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport And International Relations: An Emerging Relationship**. Nova Iorque: Routledge, 2004.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. **Algumas teorias das relações internacionais: realismo, idealismo e grocianismo**. Revista Intersaberes, Paraná, p. 56-77, 2006.

LEVERMORE, Roger. **Sport's role in constructing the 'inter-state' worldview**. Sport And International Relations: An Emerging Relationship, Nova Iorque, p. 16-30, 2004.

MCMAHON, Jessica. **Sports Ministry as an Entryway into North Korea as a Means of Spreading the Gospel**. Selected Honors Theses, 23 jun. 2015.

MENDES, Pedro Emanuel. **A Invenção das Relações Internacionais como ciência social: uma introdução à Ciência e à Política das RI**. Ciência e a Política das Relações Internacionais em Portugal numa perspectiva comparada, 2018.

NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **Fifa e o Soft Power do Futebol nas Relações Internacionais**. 2017. 19 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Escola de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Pelotas, Rio de Janeiro, 2017.

SPAAIJ, Ramón; VIÑAS, Carles. **"Passions, Politics and Violence: A Socio-historical Analysis of Spanish Ultras"**. Soccer and Society, p. 79-96, 2006.

STODDART, Brian. **Sport, Cultural Politics and International Relations: England versus Germany, 1935**. Soccer & Society, p. 29-50, 2006.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. NY: McGraw-Hill, 1979.